

COMUNICAÇÕES - OBSERVATÓRIOS

MULHERES NA PESQUISA CIENTÍFICA: GENEALOGIA INTELECTUAL A PARTIR DA TRAJETÓRIA DE MONIKA BARTH - DE 1959 ATÉ A ATUALIDADE

Lia Gomes Pinto De Sousa (lgpsousa@gmail.com)

A participação de mulheres na atividade científica no Brasil não é recente, porém, pouco visibilizada. Embora permeada por assimetrias de gênero, a presença institucional feminina em dimensão coletiva nas ciências apresenta um ponto de inflexão nos anos 1950 em nosso país. Ainda há uma dificuldade em encontrar indicadores sistematizados para a análise histórica da atuação de pesquisadoras do passado, e o estudo de trajetórias tem sido grande aliado nesse sentido. Assim, abordarei aqui o caso da palinologista Monika Barth (nascida em 1939), que ingressou como estagiária no Instituto Oswaldo Cruz em 1959, ainda cursando o segundo ano universitário em História Natural da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (FNFi/UB). Ela desenvolveu a primeira tese defendida em Botânica na referida faculdade (1962-1964) e construiu sólida carreira na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Mais do que isso, foi a responsável pela formação de uma linhagem intelectual que atravessa quatro gerações até a atualidade, a qual é majoritariamente feminina. Monika iniciou suas pesquisas trabalhando com a morfologia e estrutura do pólen do cerrado, estabelecendo diálogo com os estudos ecológicos, emergentes na época. Para suas observações estruturais do material analisado, especializou-se na técnica da microscopia eletrônica, também inovadora no período. Simultaneamente, estagiou no Jardim Botânico,

onde outra pesquisadora, Mariléia Laboriau, lhe forneceu importante treinamento técnico - embora apenas homens constem oficialmente como seus mentores do doutorado: Henrique Pimenta Veloso, do IOC, Karl Arens, da FNFfi/UB e Raul Machado, do Jardim Botânico. Em meados da década de 1970, expandiu suas pesquisas na área da virologia, trabalhando com diversos temas de atenção à saúde pública, como o vírus da dengue, zika, febre amarela e coronavírus. Seu primeiro objeto de pesquisa em botânica continuou em seu horizonte de estudos, passando a investigar também o pólen fóssil, em interdisciplinaridade com a Geologia, colaborando com esse curso de pós-graduação na UFRJ. A análise da trajetória de Monika Barth, por meio de fontes institucionais, depoimentos orais e publicações científicas, permite lançar luz sobre as condições de inserção de mulheres num período-chave da institucionalização da ciência no Brasil. Além disso, explorar a continuação de seu legado, com uso de ferramentas genealógicas e curriculares, como a Plataforma Acácia e o Painel Lattes-Formação e Atuação (CNPq), viabiliza a criação de indicadores atuais e a percepção do impacto, no presente, da atuação de pioneiras do passado - tanto no que diz respeito à qualificação de novas pesquisadoras quanto ao seu alcance disciplinar.

Palavras-chave: mulheres cientistas; genealogia intelectual; monika barth.